

Racismo científico: uma denúncia ao pensamento social e político brasileiro

Resenha do livro: SOUZA, Jessé. *Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2022.

Ingrid Daniely Vale dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ingrid.vale.072@ufrn.edu.br

<https://orcid.org/0009-0008-8024-3067>

Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista trata de uma releitura de sua versão inaugural de 2015, *A Tolice da Inteligência Brasileira*. É o primeiro título de Jessé Souza publicado pela Editora Civilização Brasileira, sua nova casa editorial. Desde o início dos anos 2000, com títulos como *A modernização seletiva* (2000), *A ralé brasileira* (2009), *Subcidadania brasileira* (2018), *A elite do atraso* (2019), *Como o racismo criou o Brasil* (2021) e a *Herança do golpe* (2022a), Jessé Souza tem se dedicado a uma revisão da literatura de obras centrais do pensamento social brasileiro e a formulação de uma teoria da modernização periférica e da desigualdade social.

Em *Brasil dos humilhados*, o autor empenha-se arduamente à consecução de um diálogo mais acessível, dotado de fluidez e afinado com o atual panorama político-econômico brasileiro. Este empreendimento visa, sobretudo, evidenciar a intrínseca vinculação entre a produção intelectual doméstica e a esfera global. Por este viés, a análise desenvolvida por Jessé Souza serve como instrumento de observação da legitimação de uma ordem social, econômica e política questionável, tanto no Brasil quanto no mundo (Souza, 2022b).

A tese central de *Brasil dos humilhados* trata da violência simbólica¹ vivenciada no Brasil, fruto da apropriação da “*inteligência brasileira*”. Esta apropriação refere-se à reprodução de privilégios, os quais, segundo o autor, não são destinados ao benefício da vasta maioria dos cidadãos. Pelo contrário, são utilizados para justificar e perpetuar o poder do 1% mais abastado da sociedade, que detém o controle exclusivo sobre diversos canais, como jornais, redes sociais, editoras, universidades e partidos políticos (Souza, 2022b, p. 17).

A primeira parte de *Brasil dos humilhados*, intitulada “o racismo científico que nos domina até hoje”, estabelece uma conexão genealógica entre o racismo científico sustentado por Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre na construção do pensamento social brasileiro e identifica essa influência nas obras de Raymundo Faoro e Roberto DaMatta. A seção, Souza inicia com o debate acerca da produção intelectual de Gilberto Freyre (2019 [1933]) e sua influência na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Com exceção de Freyre, cuja abordagem é parcial, o culturalismo brasileiro é caracterizado por um discurso que incide em atitudes racistas e elitistas ao desvalorizar a participação popular, obscurecer as práticas excludentes das elites e perpetuar os mais nefastos preconceitos sob novos disfarces moralistas. Estas interpretações colaboram para a legitimação e continuidade da disparidade social vigente no Brasil, com a manutenção do *status quo* subdesenvolvido (Souza, 2022b).

No primeiro capítulo, intitulado “Travestindo o racismo com o falso moralismo”, Souza (2022) apresenta uma abordagem sociológica incisiva, na qual examina não apenas as características das políticas de inclusão social do Governo Vargas (1930–1945), como também evidencia a interconexão entre as políticas e a produção intelectual dos anos 1930. Embasa sua crítica aos intelectuais do campo social e interpreta a obra de Buarque de Holanda como uma reação elitista, racista e conservadora responsável pela formação do pensamento liberal conservador brasileiro, que se mantém hegemônico no pensamento político de direita e em parte da esquerda (Souza, 2022b, p. 50).

¹ Ideologia, nesta resenha, é compreendida a partir da concepção de Pierre Bourdieu (1989) sobre “violência simbólica” como uma distinção da noção de ideologia de Marx. Essa diferenciação visa destacar o papel central da prática da dominação social na tentativa de persuadir o sujeito subjugado a aceitar voluntariamente as justificativas de sua própria submissão (Souza, 2022, p. 16). Jessé Souza segue Bourdieu ao tratar deste tema. A ideia de violência simbólica utilizada por Jessé Souza, apoiada nas concepções de Bourdieu, refere-se aos instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que, por meio dos sistemas simbólicos, cumprem a sua função política de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre outra (Bourdieu, 1989, p. 11).

Para Souza (2021, p. 175), as ideias de Buarque de Holanda foram utilizadas desde os anos 1930 pela elite escravocrata para criminalizar o Estado, a política de inclusão popular, bem como o voto e a participação popular. Nesse sentido, os argumentos do autor demonstram uma profunda continuidade com sua obra anterior, *Como o racismo criou o Brasil*. No entanto, Souza (2021; 2022b) negligencia estudos críticos recentes acerca das matrizes conservadoras de *Raízes do Brasil*, como os de João Kennedy Eugênio, que identifica um pensamento profundamente antiliberal na obra de Buarque (Feldman, 2016). Souza também falha em reconhecer as profundas mudanças no pensamento político e teórico ao cristalizar a posição inicial de Sérgio Buarque, como mostram as diferenças entre as edições de 1936 e 1948 de *Raízes do Brasil* (Holanda, 2016).

Relapso a esses avanços, Souza (2022b) argumenta que Holanda (2016 [1936]) implantou no pensamento social brasileiro a “erva daninha” do teorema personalista/patrimonialista, assim como a tese de que o brasileiro é um tipo social guiado mais pela emoção do que pela razão. Ainda, indica que a visão pejorativa e subalterna do “homem cordial” de Holanda (2016 [1936]) é aplicada apenas à população negra, mestiça e pobre. Trata-se, segundo Souza, de uma reedição do racismo dominante antes da Era Vargas e seu esforço de renovação cultural, encoberto pela moralidade (Souza, 2022b, p. 54).

De acordo com Souza (2022b), a análise do pensamento de Holanda (2016 [1936]) revela uma intrincada interação entre a percepção da sociedade em relação à corrupção na esfera pública e os processos democráticos, o que implica na possibilidade de deslegitimação do voto e da soberania popular. Para Souza (2022b), este cenário teórico indica que a eleição de representantes envolvidos em atividades corruptas pode minar a integridade ética do sistema político, potencialmente alimentando um ciclo de desconfiança e instabilidade institucional. Neste contexto, ele argumenta que a dinâmica pode fornecer uma justificativa ideológica para a propagação de movimentos golpistas, como os vivenciados no Brasil² em diferentes épocas.

² Conforme observado por Jessé Souza em episódios históricos como os envolvendo Getúlio Vargas em 1945 e João Goulart em 1964, ambos derrubados por golpes militares. Dilma Rousseff, em 2016, foi afastada do cargo através de um processo de impeachment, acusada de pedaladas fiscais. Entretanto, em 2023, foi inocentada. Também vale ressaltar o caso de Luiz Inácio Lula da Silva que, em 2018, foi preso como resultado de uma suposta conspiração concebida como parte de uma estratégia de determinados agentes públicos visando a obtenção do controle estatal por meio de vias aparentemente legítimas, ainda que por intermédio de métodos e ações contrários às normas legais estabelecidas (Souza, 2022b, p. 64).

Nessa conjuntura, “a engenhosa construção de Buarque permitiu a animalização do povo brasileiro por razões, agora, supostamente culturais” (Souza, 2022b, p. 65). O fascínio reside em uma convergência entre o discurso propagado pela elite imperialista global, descritas por Talcott Parsons nos anos 1960/1970, que se apoiava na ideia de uma “cultura do protestantismo ascético mítico”, além disso, conflui também com o discurso adotado pelas elites colonizadas, como a elite brasileira, que passa a internalizar esse mesmo *ethos*.

Nesse sentido, Souza afirma:

Da mesma maneira que a parte Sul do planeta passa a ser percebida como inferior e animalizada, de modo a justificar o saque de suas riquezas pelo Norte global, também o povo brasileiro vai ser percebido como inferior e animalizado de modo a legitimar o saque de seu trabalho e das riquezas comuns por um punhado de aves de rapina de sua própria elite (Souza, 2022b, p. 65).

O argumento de Souza (2022b) é corroborado com dados apresentados por Murilo Pajolla (2022). Entre as 500 pessoas resgatadas em situações análogas à escravidão no Brasil em 2022, observa-se um padrão dominante, no qual 57% são provenientes da Região Nordeste e 87% se autodeclararam como pretos ou pardos. Estes indivíduos trabalhavam em condições precárias, desprovidos de direitos, vinculados a grandes extensões de terras dedicadas ao cultivo de cana-de-açúcar para a indústria sucroalcooleira no interior de Minas Gerais.

O capítulo seguinte é intitulado como uma paródia à obra de Faoro (2012 [1958]), “Os falsos donos do poder”. Souza (2022b) critica a abordagem de Faoro e argumenta que ele atribui, de maneira unilateral, a culpa pelos problemas do Brasil à política, ao Estado e, por extensão, à sociedade. Este ponto de vista de Faoro (2012 [1958]), segundo Souza (2022b, p. 71), é problemático porque distorce a história brasileira ao perpetuar a ideologia do “vira-lata brasileiro”. Esta ideologia pinta o brasileiro como inerentemente corrupto, uma visão que se estende desde tempos imemoriais e reforça estereótipos negativos e prejudiciais (Souza, 2022, p. 89).

O terceiro capítulo, chamado “Jeitinho Brasileiro”, aprofunda a crítica a Roberto DaMatta (1979; 1985). Souza (2022b, p. 92) argumenta que a compreensão damattiana é contínua à de Buarque e Faoro. Souza afirma que, apesar das revoluções institucionais significativas no Brasil, como a urbanização e a industrialização, que provocaram mudanças radicais na sociedade, DaMatta mantém sua tese sobre a persistência de traços

pré-modernos na cultura brasileira. Essa tese é sustentada nas obras de DaMatta (1979; 1985), mesmo considerando que o país já se despediu de seu passado predominantemente rural e estabeleceu o maior complexo industrial do hemisfério sul.

Na segunda parte de sua obra, “A ciência e o racismo global: sociedades honestas versus sociedades corruptas” (Souza, 2022b, p. 115), o autor empreende uma abordagem do racismo científico como fundamentação do imperialismo. Ele mobiliza a teoria de Talcott Parsons (1974) sobre modernização para corroborar a existência de uma dupla exploração imposta aos povos periféricos em comparação aos povos metropolitanos. Além disso, realiza uma comparação entre as obras de Talcott Parsons e Sérgio Buarque e afirma que, em essência, refletem um ao outro e evidenciam uma notável convergência entre os acordos estabelecidos entre os povos dominadores e colonizados (Souza, 2022b).

Por meio da lente da teoria da modernização de Parsons (1974), observa-se que as ciências sociais e a inteligência brasileira são permeadas pelo viés do racismo implícito nas teorias culturalistas (Ribeiro, 2022). Nesse contexto, a teoria da modernização emerge como catalisadora do mito contemporâneo da superioridade norte-americana no contexto ocidental, disseminado por meio do fenômeno do *imperialismo informal*, conceito cunhado por Souza em sua obra anterior (Souza, 2020). O ponto crucial desta crítica reside na percepção das disparidades de desenvolvimento relativo entre os países, as quais não são interpretadas como consequências da exploração/expropriação imperialista (Fraser; Jaeggi, 2020), ou mesmo de contingências sócio-históricas, mas sim atribuídas à ausência do espírito ocidental³ ativo e racional, ou, como argumenta Parsons, à falta de um de seus polos de referência padrão mais preponderantes (Souza, 2022b).

O capítulo quinto, “O racismo científico em ação: a honestidade dos países ricos e a corrupção dos pobres”, estabelece uma análise comparativa entre Niklas Luhmann (2005) na Alemanha e Roberto DaMatta no Brasil. De acordo com Souza (2022b), a teoria

³ Talcott Parsons e Edward Shill (1951) postulam que tanto os indivíduos quanto as sociedades tendem a se orientar de forma coerente em relação aos “valores-guia” que governam nosso comportamento, a saber: as dicotomias afetividade x neutralidade afetiva; auto-orientação x orientação coletiva; particularismo x universalismo; atribuição x realização; difusão x especificidade. De acordo com Souza (2022b), o ponto central dessas oposições reside na contraposição entre o espírito, entendido como o local da reflexão e da moralidade distanciada que nos conecta ao divino, e o corpo, que simboliza nossa parte afetiva que nos vincula à animalidade. Esta estrutura reflete, precisamente e não por acaso, a mesma hierarquia moral predominante no contexto ocidental.

da modernização de Parsons (1974) representa, de fato, o esquema mais bem-sucedido de legitimidade científica para uma forma de dominação global já existente.

Ao comparar Luhmann e DaMatta, Jessé Souza (2022b) defende, de forma superficial, que não se evidencia um “abismo teórico” significativo entre as explicações preponderantes no centro e na periferia do discurso científico:

A análise de um Roberto DaMatta no Brasil e na América Latina é extraordinariamente semelhante à análise de Niklas Luhmann na Alemanha. Não parece existir nenhum “abismo teórico” entre as explicações dominantes no centro ou na periferia do debate científico em relação a essas questões. O racismo mal disfarçado em “culturalismo” das teorias da modernização tradicionais, que fabricam supostas heranças culturais, como até cem anos atrás se fabricavam supostas diferenças raciais — está presente nos dois (Souza, 2022b, p. 133).

No sexto capítulo, Jessé Souza comenta o início de sua trajetória crítica e propõe uma reconfiguração do pensamento social e político no contexto brasileiro. Desde lá, Jessé Souza, defende Florestan Fernandes⁴ como o único grande intelectual do país a desviar-se dessa tradição dominante, cuja marca é o elitismo e o racismo. Para Souza (2022b), Fernandes destaca-se como figura central nesse processo. Embora o rompimento de Fernandes (1976) com essa tradição predominante e elitista seja parcial, uma vez que não se dedica à reconstrução dos princípios classificatórios e avaliativos que regem o cotidiano, ele merece ser consagrado como o verdadeiro arquiteto da tradição crítica no âmbito do pensamento social e político brasileiro. A relevância de Florestan Fernandes (1976) para esse debate reside no fato de que ele foi o pensador que mais se aprofundou na tentativa de transcender aquilo que aqui denominamos como tradição culturalista (Souza, 2022b).

Entretanto, Souza (2022b), apesar de promover uma reconfiguração do pensamento social brasileiro, é negligente ao generalizar a produção intelectual, sobretudo, por não destacar obras da intelectualidade negra como Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Maria Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Lélia González, por exemplo. Esta

⁴ A obra seminal para a discussão desta temática em Florestan Fernandes é *A Revolução Burguesa no Brasil* (1976). O cerne do livro reside precisamente na análise da implantação e consolidação do capitalismo no país. Com notável clareza e agudeza, Fernandes identifica o elemento crucial nesse contexto como a compreensão do “padrão de civilização dominante”, derivado da transformação estrutural das formas econômicas, sociais e políticas fundamentais.

última, já na virada para os anos 1970, argumenta que Gilberto Freyre (2019 [1933]) idealiza e romantiza a representação da mãe preta. Segundo González (2020, p. 82), o mito da democracia racial tem o propósito de ocultar e obliterar a hierarquia arraigada na sociedade brasileira. Isso resulta em uma exposição mais clara do que em uma dissimulação das dinâmicas sociais no país. González (2020) sustenta que o “racismo à brasileira” se configura como um sintoma da neurose cultural nacional. Isso decorre da recusa em reconhecermos a existência de uma estrutura hierárquica e racista, conseqüentemente, autoritária. Para a autora, somente ao adquirirmos consciência dessa estrutura subconsciente, que perpetua a dicotomia entre dominantes e dominados, é que a população negra, especialmente as mulheres negras, poderão resistir e dismantelar esse sistema (González, 2020, p. 82).

Além disso, anteriormente, Souza (2021, p. 13) expressou críticas em relação a intelectuais como Djamila Ribeiro, que emprega o conceito de lugar de fala e a busca por representatividade como estratégias para denunciar a opressão. O autor argumenta que, sob sua perspectiva, tais abordagens constituem não apenas equívocos substanciais, mas também instrumentos inadvertidos que contribuem para a consolidação da hegemonia neoliberal (Ribeiro, 2022). Nesse sentido, a crítica de Souza (2022b) é negligente ao silenciar a contribuição valiosa desses *negros conscientes de cor* (Collins, 2022) e atribuir sentido apenas a obra de um homem branco. Ainda, Souza (2022b) faz uma escolha deliberada ao não mencionar obras críticas e pioneiras ao culturalismo e alinhadas às suas intenções. Entre essas obras destacam-se: *O Caráter Nacional Brasileiro* (1959) de Dante Moreira Leite e *Ideologia da Cultura Brasileira* (1977) de Carlos Guilherme Mota.

A última seção do livro propõe “uma teoria crítica da sociedade brasileira e do Sul global” (Souza, 2022b, p. 141). Segundo Souza, para uma apreensão cabal da singularidade brasileira, torna-se premente a reconstituição da eficácia das instituições basilares do capitalismo, tais como o mercado, o Estado centralizado, a estrutura familiar nuclear, a esfera pública, entre outras. Para ele, sem esse arcabouço, permaneceremos indefinidamente sujeitos às falácias de índole racista e elitista que propagam a ideia de um povo inerentemente corrupto, bem como à perniciosa herança que ainda ecoa em nossos dias (Souza, 2022b).

Souza (2022b, p. 163) afirma que “na minha interpretação o Brasil é produto da expansão do Ocidente, e não um planeta-verde amarelo construído a partir da história ibérica”. Para o autor, a primeira indagação premente consiste na apreensão das disparidades entre o Brasil e as sociedades avançadas do Centro do sistema capitalista.

Quais são os elementos comuns e os atributos distintos que nos caracterizam? De que maneira essas divergências foram forjadas e quais são suas implicações para a configuração da sociedade em que estamos inseridos? Conforme sustenta Souza (2022b), é a partir dessas indagações basilares que progredimos, passo a passo, rumo a uma nova interpretação da sociedade brasileira e, por conseguinte, do Sul global.

No oitavo capítulo, Jessé Souza propõe uma abordagem que visa demonstrar a possibilidade de compreender a sociedade brasileira como moderna, sem recorrer ao veneno culturalista do racismo científico, que equivale funcionalmente ao que o autor denomina como racismo racial. Tal perspectiva contrasta com a tradição vira-lata dominante, que caracteriza a sociedade como pré-moderna e personalista, e busca reconstruir, com recursos modernos, a estrutura escravocrata que a originou (Souza, 2022b).

Souza (2022b) mobiliza Bourdieu (1989) e ressalta que os meios modernos são essencialmente opacos, legitimando a desigualdade ao fragmentar a realidade e tornar invisível a produção da humilhação e da disparidade. O autor, à luz da “hierarquia moral do ocidente”, expande a perspectiva de Bourdieu (1989; 1996) e incorpora um elemento novo que transcende a esfera estética e a estilização da vida. Para Souza (2022b), a desigualdade no Brasil e, por extensão, no Sul global, pressupõe uma fratura ainda mais profunda e estrutural, que vai além das dimensões anteriormente exploradas.

No nono capítulo, o autor desenvolve a categoria conceitual de “dignidade” e adota o argumento de Charles Taylor (1989; 1994), influenciado pela filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, com o propósito de demonstrar que a moralidade vai além da visão restritiva de Bourdieu (1989;1996), que a considerava apenas como uma artimanha e uma justificação de interesses, tanto materiais quanto ideais. Souza explica, de acordo com a definição de Max Weber (1991) que, de maneira contraposta à tradição culturalista que erroneamente lhe atribui esse termo, a forma “institucionalizada” assume um caráter opaco e “invisível”, sendo o meio pelo qual se efetiva a disseminação do capitalismo e da sociedade moderna nas regiões periféricas não europeias do mundo (Souza, 2022b).

Dessa maneira, em um contexto de mercado competitivo, famílias ao redor do mundo adotam práticas de disciplina, pensamento prospectivo e autocontrole na educação de seus filhos, cientes de que somente assim terão oportunidades na vida social pautadas pela competitividade mercadológica. Nessa perspectiva, é válido resgatar a afirmação de Weber de que, atualmente, todos nós, queiramos ou não, incorporamos traços do protestantismo. A “inteligência brasileira” criticada por Souza (2022b) reitera os equívocos

do culturalismo ao supor que o mundo se divide entre “protestantes”, identificados como os “novos-brancos”, e aqueles culturalmente elevados, os “novos-negros”. No caso específico, o “homem cordial” é percebido como o povo brasileiro, amalgamando preconceitos de raça e classe, o que propicia a autoafirmação da classe média branca e da elite, concebidas como presumivelmente íntegras e laboriosas (Souza, 2022b, p. 197).

O último capítulo encerra o debate com a abordagem da linha tênue que envolve a dignidade social. Nesse contexto, Souza destaca que em um país como o Brasil, onde a busca pela “distinção social” ocorre de forma análoga ao que Bourdieu analisou na França, observa-se uma “luta pela dignidade” ainda mais intensa do que em nações como França ou Alemanha. Esta se refere à busca pela aceitação do direito de ser reconhecido como ser humano, sendo uma etapa prévia à luta social pela ‘personalidade sensível’ na busca pela autenticidade. Vale ressaltar que essa batalha não é consciente, assim como a luta pela distinção estética. No entanto, seus efeitos se manifestam de forma impactante em sociedades como a brasileira (Souza, 2022b, p. 198).

Por fim, Souza (2022b), em sua pesquisa, visa compreender a relevância do tema da “dignidade” a partir das classes sociais que se caracterizam por sua “falta”. A hipótese em desenvolvimento sustenta que produzimos avaliações objetivas, que são socialmente construídas no nosso *habitus*⁵, ou seja, internalizadas em nós. Cumpre salientar que essas escolhas não são feitas de maneira totalmente livre, como sugere o subjetivismo ético ingênuo presente no senso comum (Souza, 2022b, p. 199).

Nessa perspectiva, *Brasil dos humilhados* proporciona uma análise do racismo científico intrínseco ao pensamento social prevalente e dominante no contexto brasileiro. Jessé Souza apresenta, de maneira vigorosa e acessível, características contemporâneas do Brasil e indica uma ruptura com algumas das correntes científicas predominantes no país. Além disso, a obra incita os leitores a adotarem uma visão crítica em relação ao pensamento social predominante e hegemônico no Brasil. Apesar de tratar do tema do

⁵ “O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro” (Bourdieu, 1996, p. 22).

racismo no contexto brasileiro, Souza (2022b) não mobiliza autores/as negros na construção de sua crítica. Embora tenha uma relevância particular no âmbito das Ciências Sociais, o livro é de fácil compreensão e acessível a todos que buscam um panorama da teoria social produzida no Brasil.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus Editora, 1996.
- COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1979
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012 [1958].
- FELDMAN, Luiz. *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de Interpretação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2019 [1933].
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil: Edição Crítica - 80 anos [1936–2016]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1959.
- LUHMANN, Niklas. Inklusion und exklusion. *Integration—Desintegration*, VS Verlag für Sozialwissenschaften, p. 149-168, 2008.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: (1933-1974) - Pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977.
- PAJOLLA, Murilo. Negros são 84% dos resgatados em trabalho análogo à escravidão em 2022. *Brasil de Fato*, Lábrea/AM. 13 mai 2022. Direitos Humanos.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/13/negros-e-pardos-sao-84-dos-resgatados-em-trabalho-analogo-a-escravidao-em-2022>. Acesso em: 9 out. 2023.

PARSONS, Talcott. *O sistema das sociedades modernas*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974.

PARSONS, Talcott; SHILS, Edward A. *Some fundamental categories of the theory of action: A general statement*. In: PARSONS, Talcott; SHILS, Edward A. (Ed.). *Toward a general theory of action*. Cambridge: Harvard University Press, 1951. p. 3–29.

RIBEIRO, Marcos Abraão. O racismo multidimensional de Jessé Souza e a leitura unidimensional do Brasil. *Sociologias*, v. 24, n. 61, p. 394–410, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-121968>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora UnB, 2000.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira: Para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. São Paulo: LeYa, 2021.

SOUZA, Jessé. *A herança do golpe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2022a.

SOUZA, Jessé. *Brasil dos Humilhados: uma denúncia da ideologia elitista*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2022b.

TAYLOR, Charles. *Sources of the Self*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

TAYLOR, Charles. *The Politics of Recognition*. In: GUTMANN, Amy (Org.). *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 25–74.

WEBER, Max. *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen*. Tubinga: J. C. B. Mohr, 1991.

Recebido em 14 de outubro de 2023.

Aceito em 6 de abril de 2024.